

# Interdependência, convergência e interoperabilidade

**N**a coluna deste mês, quero propor um elo conceitual entre as mensagens que mais me marcaram em três eventos distintos dessas últimas semanas.

Primeiramente, gostaria de chamar a atenção para a inauguração, pioneira e emblemática, do Instituto Fernando



Foto: Eduardo de Souza

**Cid Torquato é advogado e diretor-executivo da Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico**

cid.torquato@camara-e.net

Henrique Cardoso. A exemplo dos congêneres norte-americanos, nosso último ex-presidente criou um sofisticado think tank, reunindo sua obra e seu acervo para pesquisas, estudos e debates, sobre os principais temas públicos, nacionais e internacionais, de nossos tempos.

Embora tenha passado desapercebido para a grande imprensa, a cerimônia de inauguração do iFHC teve como tônica e principal ponto de reflexão a questão da crescente interdependência entre as nações contemporâneas, seus problemas e os caminhos em busca de soluções para os conflitos da atualidade. Bill Clinton, em sua concorrida palestra, insistiu na necessidade de assimilarmos e empregarmos a noção de interdependência como única forma de lidarmos com a complexidade das relações públicas, políticas, econômicas e humanas nos dias de hoje.

Semanas mais tarde, na Unctad XI – Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento, realizada no Anhembi, a mais importante mensagem formulada e transmitida, a meu ver, foi a da convergência. Cerca de seis mil agentes públicos e privados, Ongs, representantes e delegados de todo o mundo, discutiram a urgência de trabalharmos, principalmente em nossos países em desenvolvimento, pela óbvia convergência de políticas e ações públicas, garantindo nexo programático e otimização dos limitados recursos humanos, econômicos e financeiros disponíveis.

Por último, destaco a crescente importância do Conip – Congresso

Por Cid Torquato

Nacional de Informática Pública, também realizado em São Paulo. Este ano, ainda sob minha ótica particular, a principal temática do evento foi a da interoperabilidade entre as iniciativas de governo eletrônico, dos três poderes, executivo, legislativo e judiciário, e nos três níveis, federal, estadual e municipal, autarquias, empresas públicas, mistas e concessionárias em geral.

Parece banal a idéia de que os sistemas públicos deveriam “se falar” e compor um mesmo ecossistema tecnológico, interligado e interoperável. Porém, por falta de uma agenda nacional (e internacional), ora buscada pelo Ministério do Planejamento, a realidade em nosso país (como em muitos outros) é muito distinta. Nossa pseudofederalismo e a incrível criação de feudos político-administrativos, quase autônomos, dentro dos próprios governos, geram exatamente o oposto do desejável: desperdício, superposição e ineficiência.

Uma vez mais, quero deixar claro que minhas análises e eventuais críticas não devem ser vistas como um “acusismo” vazio sobre a possível inépcia de nossos agentes governamentais. Pelo contrário. Sempre insisto na responsabilidade crescente de nosso setor privado nesse complexo processo de pensar e gerir a máquina e os interesses públicos.

Para mim, esses conceitos fundamentais de interdependência, convergência e interoperabilidade só se tornarão realidade se abraçados e exigidos pela sociedade e pelo empresariado como um todo.